
A pandemia e a legião das ruas - o caso dos entregadores de aplicativos

Roberto Noritomi

Consultor técnico legislativo da
área social – SGP 52 e doutor em
sociologia (USP)

Todos os direitos reservados. Este trabalho poderá ser reproduzido ou transmitido na íntegra, desde que citado (as) o (as) autor (as). Reproduções para fins comerciais são proibidas.

O conteúdo deste trabalho é de responsabilidade dos autores e não representa posicionamento oficial da Câmara Municipal de São Paulo ou da Consultoria Técnico Legislativa.

A pandemia e a legião das ruas - o caso dos entregadores de aplicativos

Este artigo se insere na série de reflexões sobre o impacto social da pandemia do Covid-19. Trata-se de um ensaio exploratório, de baliza sociológica, que procura indicar como o trabalho precarizado acaba sendo o grande fio da meada para se compreender os efeitos da pandemia na estrutura societária contemporânea.

Intróito

A pandemia acabou servindo como um elemento catalisador que trouxe para fora a matéria purulenta da exploração econômica e das contradições sociais que lhe são inerentes. No olhar do senso comum, a pandemia lançou luz sobre a desigualdade. Ora, essa tal desigualdade, alardeada de alto a baixo, sempre esteve aí de modo muito explícito. Mas, como se costuma dizer, só não era visível para quem não quisesse ver. E ninguém queria ver, por conta da camuflagem da sociedade estratificada segundo o mérito, ou da chamada meritocracia. Segundo essa ideia, cada um se encontra no estrato social a que faz jus pelo seu esforço na esfera econômica. Sob a fachada da circulação, ou melhor, do consumo, cada qual aparece na sociedade com capacidades de compra maior ou menor de acordo com suas virtudes ou vícios produtivos. Aí veio a roda viva da pandemia, decorrente da própria lógica sistêmica, e pôs a nu a armação ideológica e mostrou as entranhas de exploração e desigualdade.

Essa situação inédita não apenas desvelou os contrastes de classe, mas está deixando às claras a coexistência nada absurda entre a modernização econômica e o arcaísmo social, ou seja, os empreendimentos tecnologicamente avançados assentados sobre formas de trabalho antigas. Na verdade, o que se tem visto é que progresso e regressão andam juntos. Só não via quem estava imerso nas brumas publicitárias secretadas pelas redes sociais e pela grande mídia.

Precarização e uberização

A pandemia, portanto, acabou por expor aquilo que é sabido pela imensa maioria da população: as condições de vida são extremamente limitadas e precárias para os menos aquinhoados. Saúde, educação, habitação, telecomunicação, transporte e trabalho, sob o impacto do Covid-19, se revelaram extremamente desiguais.

No entanto, dentro desse amplo espectro, o que aparece como o ponto mais afetado é o trabalho. Como bem sintetiza o sociólogo Ricardo Antunes:

"A imbricação trágica entre sistema de metabolismo antissocial do capital, crise estrutural e explosão do coronavírus ou, se quisermos usar uma síntese forte, o capital pandêmico, têm um claro caráter discriminatório em relação às classes sociais, pois é muito mais letal para a humanidade que depende de seu trabalho para sobreviver."¹

De acordo com o apontado em texto anterior², o mundo do trabalho é a esfera que vai sofrer as consequências mais deletérias da pandemia, tanto em termos de queda de renda e ocupação quanto em termos de precarização dos vínculos e dos procedimentos. E é exatamente a categoria, cada vez maior, de trabalhadores nessas condições é o que vai manifestar o sintoma mais agudo da crise social.

A constituição de uma massa de trabalhadores precarizados, ou o dito precariado, já vem de muitas décadas e não há nenhuma novidade nisso. Segundo o economista Guy Standing, "o termo descritivo 'precariado' foi usado pela primeira vez pelos sociólogos franceses nos anos 1980, para descrever os trabalhadores temporários ou sazonais"³. O que é novo aqui é a metamorfose que essa precarização assume sob a forma da tão alardeada uberização do trabalho.

Esse fenômeno consiste basicamente na desvinculação contratual do trabalhador, na desestruturação do processo de trabalho e na subordinação desse trabalhador a uma rede de comandos virtuais que se encontram difusos. Isso está diretamente associado às transformações do capitalismo na virada do século XX para o XXI. Trata-se de um processo amplo no qual convergem as novas tecnologias telemáticas e o extremo desmantelamento do ordenamento trabalhista, principalmente nos setores mais massificados da logística e da comunicação, mas não apenas aí.

A uberização pode adquirir diversas facetas, sendo as mais visíveis aquelas dedicadas ao transporte: de pessoas (o sistema Uber propriamente dito); de cargas em geral exceto as alimentícias (empresas de logísticas terceirizadas etc); de alimentos (restaurantes e mercados). No entanto, essa situação pode ser também aplicável para a prestação de serviços pessoais em todos os âmbitos, mas com destaque para os cuidados pessoais e de limpeza.

¹ Antunes, Ricardo. "Corona virus - o trabalho sob fogo cerrado". In: site A terra é redonda (disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/coronavirus-o-trabalho-sob-fogo-cruzado/>)

² Noritomi, Roberto. "A pandemia do Covid-19 e seu impacto social: algumas questões para a discussão - o mundo do trabalho". (disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/wp-content/uploads/2020/06/A-pandemia-do-Covid-19-e-seu-impacto-social-2-parte.pdf>)

³ Standing, G. *O precariado. A nova classe perigosa*. Editora Autêntica, 2015. P. 26.

O modo de funcionamento da uberização é bastante simples: os trabalhadores estão disponíveis a qualquer momento e são "contratados" pontualmente por clientes (individuais ou institucionais /empresariais) com base na coordenação dos serviços realizada em plataformas ou aplicativos telemáticos⁴. Essas plataformas ou aplicativos aparecem para as pessoas como meros "intermediários" que possibilitam o encontro entre dois entes independentes e ocasionais. Ocorre uma evidente camuflagem da figura empresarial sob a forma de um mecanismo impessoal chamado "aplicativo" ou "plataforma". Dada a impessoalidade dos mecanismos telemáticos, cria-se toda uma blindagem jurídica, mercadológica e, principalmente, ideológica, que converte a ação empresarial apenas numa marca ou num logo - é o cúmulo da reificação.

Na prática, como se sabe, o que subjaz a isso tudo são interesses corporativos fortíssimos (Uber, Ifood etc) compostos por empreendimentos acionários vultosos⁵. São corporações voláteis cujo corpo físico efetivo depende do contingente enorme de trabalhadores⁶ desprovidos de direitos e de perspectivas, que são mobilizados diariamente para cumprir atividades extenuantes, em condições profundamente precárias e destituídas de qualquer sentido.

Assim, o sistema de uberização têm dois polos que interagem dialeticamente. De um lado, há o polo supostamente moderno, representado por corporações avançadas e assépticas com suas sedes nos mais importantes centros financeiros; de outro, o polo que resvala o arcaísmo, representado por trabalhadores precarizados, submetidos à lógica de exploração sem nenhum limite (assemelhada à escravidão ancestral). O moderno produz o arcaico e se alimenta dele ao mesmo tempo. Essa dinâmica é mundial, contudo, é potencializada em sociedades periféricas como a brasileira, que possuem uma composição sócio-econômica bastante propícia, como se verá.

A lógica dessa dinâmica entre as corporações e os trabalhadores se dá por mediações. Podem ser as próprias plataformas ou aplicativos ou, como tem se tornado comum, os chamados operadores logísticos (OL), que nada mais são do que agentes prepostos a serviço das corporações. No caso desses operadores logísticos, eles acabam atuando como aqueles "gatos" ou "capatazes" que arregimentam a força de trabalho dispersa num amplo universo de subempregados e desempregados.

⁴ Essa "disponibilização" a qualquer momento de uma massa amorfa de trabalhadores é um dos mecanismos sistêmicos que surgiram para dar conta do imenso exército industrial de reserva produzido pelo próprio movimento de valorização de capital. Por isso, esses profissionais da entrega possuem um corpo tão elástico, que pode variar de dezenas de milhares a centenas de milhares em instantes. A velocidade da internet se soma à maleabilidade e ao volume desses indivíduos para garantir a manobra rápida de trabalhadores.

⁵ <https://www.reuters.com/article/us-brazil-mobile-ifeed/brazils-mobile-says-it-has-raised-500-million-for-its-ifeed-delivery-app-idUSKCN1NI2TB>

⁶ <https://spbancarios.com.br/12/2019/brasil-tem-137-milhoes-trabalhando-como-motoristas-de-aplicativos-e-entregadores>

Formalmente, esses trabalhadores, tanto os operadores logísticos quanto os entregadores diretos, são revestidos pelo papel de empresários, que desempenham atividades com autonomia e rendimentos variáveis conforme o esforço. Aparece dessa maneira exatamente porque os trabalhadores não são contratados numa relação entre empregador e empregado, os meios de trabalho são em princípio dos trabalhadores e são eles quem definem a carga de trabalho que vão assumir para a obtenção de seus ganhos. Isso, é claro, se dá apenas na aparência, porque na realidade o trabalhador está subordinado a relações de exploração nas quais toda sua disposição e autonomia são apropriadas pelas corporações, ou seja, pelo capital em seu movimento voraz.

Karl Marx já havia analisado essa situação, no século XIX, ao tratar da produção por peça⁷. Nessa modalidade produtiva, o trabalhador ilusoriamente acreditava que era o senhor de sua produção e de seu rendimento, afinal, ganhava segundo o seu trabalho e a sua vontade. Entretanto, por conta da competição entre os inúmeros trabalhadores, o valor de cada peça produzida se reduzia. E isso ocorria por dois motivos: os trabalhadores se dispunham a produzir as peças por menos rendimento, para poderem receber mais demanda; e, à medida que aumentava a competição, a tecnologia se desenvolvia para baratear ainda mais a produção das peças. Ao final, o trabalhador aprofundava seu enredamento na produção, trabalhando mais rápido e com todo seu tempo comprometido (porque se parasse, um outro assumiria seu lugar).

A uberização, desta maneira, tem significado esse retorno, em pleno século XXI, a métodos produtivos de quase duzentos anos atrás. É isso que se vê no cotidiano laboral dos mais variados prestadores de serviço, nas metrópoles e nas cidades médias. Num quadro de empobrecimento avassalador, provocado pela desvalorização do trabalho e pelo desemprego estrutural e conjuntural⁸, os indivíduos se entregam a qualquer oportunidade de emprego, ignorando as condições precárias e os baixos rendimentos. Ideologicamente, eles não se percebem como proletários, mas como empreendedores que precisam, no início da empreitada, demonstrar o máximo de empenho e dedicação. Mas o que se verifica é bem diverso disso. O empenho e a dedicação só revelam sujeição e obrigação a um processo que lhes escapa e esmaga a todos que não conseguem acompanhar o ritmo que gradualmente vai se acelerando⁹.

⁷ Marx, Karl. *O capital*, p. 621. Boitempo, São Paulo, 2017.

⁸ <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/06/30/desemprego-no-brasil-vai-a-129-e- apenas-metade-em-idade-de-trabalhar-estava-ocupada-no-tri-ate-maio.htm>

⁹ O diretor britânico Ken Loach representou de modo lapidar essa situação no filme *Você não estava aqui* (2019).

Legiões de párias nas ruas desertas

É por causa disso que os trabalhadores se veem trabalhando em jornadas sempre mais longas e recebendo gradualmente menos. As jornadas podem alcançar até 24 horas em determinados momentos excepcionais, mas os ganhos são ínfimos. Tal cenário é observado com maior ênfase entre os entregadores de alimentos, mas não é exclusivo deles¹⁰. No caso desse segmento, fica muito patente que a exploração se acentua, pois a demanda tem aumentado exponencialmente no período de pandemia e a disponibilidade de trabalhadores, por causa do desemprego, também se expande em igual proporção. Segundo levantamento da plataforma de estudos e emprego Quero Bolsas: "Diversos profissionais foram afastados de seus respectivos empregos e tiveram que procurar outras fontes de renda para se sustentar. Uma delas foi a de entregador, seja diretamente com o estabelecimento ou através de aplicativos de delivery"¹¹. Essa é a característica clássica do vetor da acumulação capitalista. Conforme observou Marx, numa passagem célebre, "a força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza"¹².

A consequência mais imediata desse processo é o incremento incessante de trabalhadores esvaziados de qualificação, desvalorizados (em termos de ganhos), adoecidos ou acidentados, desestruturados socialmente (por não terem tempo para a uma socialização diversificada e criativa) e fadados a reproduzirem esse modo de vida nos seus círculos de convívio¹³.

O problema é que essa situação não é visível do ponto de vista jurídico e social¹⁴. O entregador, assim como outros prestadores menos qualificados (profissionais de limpeza e afins), não é "visto" pelos usuários dos serviços e pelas empresas, e isso só cristaliza a redoma de exploração e de barbárie que recai sobre esses trabalhadores. É como se eles fossem os párias da sociedade global. Ninguém os nota, mas eles são fundamentais.

No fundo, a pandemia acabou por trazer à luz a essa contradição moderna do visível e do invisível, que estava submersa no cotidiano falseador do espaço

¹⁰ <https://outraspalavras.net/outrasmidias/quem-sao-os-entregadores-superexplorados/>

¹¹ "Com pandemia, entregadores de app têm mais trabalho, menos renda e maior risco à saúde" (disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53258465>)

¹² Marx, K.. op. cit, p. 719.

¹³ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53258465>

¹⁴ A respeito da precariedade legal do trabalho de entregadores, ver: <https://www.justificando.com/2019/05/24/entregadores-de-aplicativos-estao-em-um-limbo-do-direito-do-trabalho/>

público e das mídias massificadas. Agora, com as medidas de quarentena e a clausura de uns poucos segmentos profissionais (que podem realizar o trabalho remoto), é possível perceber como a sociabilidade burguesa, fixada ideologicamente como um dado universal, se concentra em nichos diminutos e deixa apartados uma imensa maioria de seres espremidos na longínqua rotina da proletarização. A total incongruência entre os valores daquela sociabilidade e a realidade dos trabalhadores se faz notar cruamente.

Para que uma parcela mínima possa permanecer em seus lares confortáveis, trabalhando e usufruindo do consumo sofisticado (gastronômico, cultural etc), uma legião de seres socialmente à deriva percorrem as ruas e avenidas mantendo os fluxos vitais da ordem vigente e se arriscando na frente de combate (algo que não é nada novo). É como se houvesse uma redoma de proteção que separasse uma pequena elite do resto do mundo; num plano reinaria a civilização, segundo a imagem da utopia burguesa do espaço privado e acolhedor o *home sweet home*), e num outro reinaria a barbárie da pura luta encarnçada pela sobrevivência limítrofe e alienada. Isso ficou muito evidente no caso do entregador que morreu em serviço, na cidade de São Paulo, e foi ignorado tanto pela empresa Rappi quanto pela Uber¹⁵. "Morreu na contramão atrapalhando o tráfego", como cantaria Chico Buarque.

Visualmente, o que vem à mente são aquelas cenas distópicas ao estilo *Admirável Mundo Novo* (Huxley), *Blade Runner* (Ridley Scott) e, o mais importante, *Metrópolis* (F. Lang).¹⁶ Basta observar, nos momentos de clausura mais severa da quarentena, como as ruas desertas foram tomadas somente pelas motocicletas e bicicletas de entregadores dos mais diversos produtos, cujos valores e funções eles jamais imaginariam. Enquanto essa legião anônima e invisível se expõe aos piores riscos e condições (acidentes, fome, contágio, fadiga, solidão etc), trancafiadas e atomizadas em seus lares paramentados, uma elite de ricos proprietários e profissionais de alta e média estirpe vivenciam a plena liberdade criativa e afetiva, como de fato deveria ser dado a todos vivenciarem. Tudo isso ocorrendo sob a chancela ideológica da livre iniciativa e do esforço individual.

No entanto, muito longe do mercado regido pela liberdade e igualdade de ação, o que se nota é algo mais assemelhado a um sistema de castas sobreposto ao de classes. Isso fica evidenciado inclusive pelo perfil preponderante dos entregadores, que são na maioria negros, de baixa escolaridade e moradores das regiões periféricas dos grandes centros. Na pesquisa recente desenvolvida pela Aliança Bike, constatou-se que

¹⁵ <https://canaltech.com.br/apps/rappi-uber-negam-responsabilidade-morte-entregador-sp-145251/>

¹⁶ A literatura e, principalmente, o cinema se notabilizaram por compor esse tipo de cenário polarizado e distópico. Um exemplo recente é o do sul coreano Bong Joon Ho, que dirigiu *Parasita* (2019).

"Em relação à escolaridade, 40% têm até o ensino fundamental completo, 53% têm até o ensino médio completo, 4% têm nível superior e 1% pós-graduação. Outros 2% disseram não ter instrução. 16% estudam atualmente, e foram obtidas respostas variadas de supletivo, cursos profissionalizantes e graduações. Sobre a cor ou raça, 44% se declaram pardos, 27% pretos (ou seja, 71% negros), 26% são brancos, 2% amarelos e 1% indígenas."¹⁷

Essa característica espelha o quadro mais geral da desigualdade nacional. As ocupações profissionais de maior risco e menor remuneração coincidem no mesmo segmento social (de negros, periféricos, jovens, com limitada educação formal e mais vitimados pela violência urbana). No fundo, esses entregadores trouxeram à tona a configuração do apartheid social vigente, em que dois mundos parecem coexistir. Mas aqui deve ser sempre lembrado de que não se trata de uma "razão dualista", de coexistência paralela de duas realidades contrastantes, mas de um apartheid em que os dois lados são dialeticamente articulados, ou seja, há uma relação estruturalmente necessária em que um produz o outro e vice-versa. É a dialética do progresso e da regressão, mencionada logo no início deste texto.

Os entregadores, mais do que todas as demais categoriais profissionais, tornaram-se os protótipos sociológicos da grande metamorfose do trabalho, desencadeada há algumas décadas e agora consolidada. Foi preciso um evento sanitário de grandes proporções, como a pandemia do Covid-19, para tornar isso perceptível de modo dramático.

###

¹⁷ Aliança Bike, *Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativos*. São Paulo, 2019. (disponível em: http://aliancabike.org.br/wp-content/uploads/2020/04/relatorio_s2.pdf). São poucos os levantamentos sobre essa categoria, mas é possível realizar algumas aproximações relativamente seguras.